

Mandinga: como “A invenção do cotidiano – Artes de fazer”, de Michel de Certeau, e seu discurso sobre táticas auxilia, na compreensão das manifestações culturais e espirituais que ocorrem na Associação Cultural Capoeira Mandinga-Ê, na cidade de Maringá, Paraná

Giovane Gonzaga (LERR-UEM)
Vanda Fortuna Serafim (Orientadora - UEM)

“Um homem, sua mulher e seu filho são trazidos à senzala onde já outros escravos estão. A cor de seus cabelos destaca-se da dos outros dali por ser avermelhada, o que chama a atenção, parecem ser de uma região distinta aos presentes. Seus olhos não miram os olhos de ninguém, de nenhuma forma se comunicam com seus vizinhos de cativo, permanecem num silêncio frio a um canto do lugar. Alguns meses se passam, a rotina desse homem e sua família é a mesma desde que ali chegaram, do amanhecer ao fim do dia trabalham, à noite permanecem na mesma quina de chão do terreiro em que sentaram à primeira vez, segue-se um ritual que é praticado todos os dias. Com uma faca quente, esse homem queima uma das mãos enquanto profere palavras de ódio a um deus, o criador. Um negro, já de idade, que ocupava um lugar no centro da senzala, observara o homem por todos esses dias, e embora o de cabelo avermelhado não saiba, esse preto velho compreendia as palavras que ele falava. Irritado com o hábito do recém-chegado, o velho interrompe suas maldições e diz:

- Pára com isso, rapaz. Que loucura essa de ficar xingando esse deus? Tu acha que ele liga pras coisa que tu tá falando? Ele tem mais com o que se preocupar. Vá se embora daqui, os outros negros já tão ficando irritados com a tua presença, seu lugar não é aqui, não, apeia!

O homem olha nos olhos do velho, assustado com o fato de saber que alguém ali o compreendia, mas nada diz. Alguns dias depois, ele foge, com mulher e filho. Na boca da noite, embrenha-se numa mata, rumo ao topo de um monte nas cercanias da fazenda onde era cativo, me foi dito que cinco capitães-do-mato correram no encalço da família, montados cada um num cavalo.

Ao chegar em altura boa, o homem começa a entalhar lança de certas vergas que cresciam na mata, termina-as e dá na mão do seu filho, tenho certeza que ele rezava muito enquanto fazia isso. Ao terminar cinco dessas lanças, leva as mãos em concha à boca, e por toda a mata ecoa um grito que diz algo mais ou menos assim: “Eu já cheguei aqui, a busca de vocês acabou, voltem!”. Mas aqueles que os caçavam não voltam. Uma lança zune no ar, um dos cavaleiros ouve o barulho, mas quando olha pra cima é atingido na altura do peito, caindo do cavalo, o mesmo acontece com um segundo, os outros três que acompanhavam a “caça” não foram encontrados. Depois desse dia, a família de negros de cabelo avermelhado nunca mais foi vista, nem na senzala, nem na casa grande, nem na mata. Acho que o homem parou de amaldiçoar seu deus.”

História narrada por Mestre Mandinga-Ê a mim e a outros discípulos seus enquanto fazíamos uma caminhada de quatorze dias pelas estradas do Paraná.

Quando ouvi essa história pela primeira vez, sentado no chão, iluminado pela luz da fogueira e tendo o barulho das águas de uma cachoeira como fundo musical, tive certeza que ela deveria abrir o meu primeiro artigo sobre algo que venho tentando aprender e apreender pra minha vida acadêmica, e, principalmente, pra minha vida.

Ao conhecer Mestre Mandinga-ê, no começo de 2012, me deparei com uma pessoa simpática, de sorriso e olhar sincero, que falava das coisas da vida com uma propriedade que eu, até então, não havia encontrado em mais ninguém. Em pouco tempo percebi que estava de frente de uma fonte de sabedoria inesgotável, não porque ele sabia de tudo, mas porque tudo que ele sabia levaria mais do que minha vida inteira pra eu ficar sabendo.

O interesse pelos aspectos de sua cultura me levaram a abandonar muitos pilares de pensamento que me pareciam, naquele tempo, inabaláveis, como o ateísmo e o consumo de drogas. E foi através desse interesse que descobri matizes da minha personalidade, características da sociedade e do mundo, e diversas maneiras do que Certeau (1990), como veremos, chamará de “saber-fazer”.

Descobrimo esse novo mundo, encontrei diversas histórias, como a narrada acima, um grupo de pessoas, uma família, às vezes um único indivíduo que no seu cotidiano simples demonstrava uma capacidade sobrenatural de lidar com as adversidades que a vida lhe apresentava.

Se essa exposição inicial pode soar inconcebível para uma historiografia mais tradicional, atrelada a crença em uma neutralidade inabalável do historiador, a metodologia aqui adotada se afasta deste falso pressuposto por entender que a pesquisa histórica não está livre de interferências externas e internas ao sujeito pesquisador. E, metodologicamente, objetivar essas subjetividades, parece o caminho mais honesto à construção do conhecimento histórico.

Como nos alerta Paul Ricoeur (1968) a diferença entre objetividade e subjetividade, consiste na primeira enquanto uma expectativa de qualidade diferente; enquanto a segunda aponta para uma direção diferente da esperada. Certamente espera-se da História certa objetividade, e no sentido epistemológico “é

objetivo aquilo que o pensamento metódico elaborou, pôs em ordem, compreendeu, e que por essa maneira pode fazer compreender” (RICOUER, 1968, p. 23). A História deve, portanto, proporcionar às sociedades humanas que estuda o acesso à dignidade da objetividade, e há tantos níveis de objetividade quanto de procedimentos metodológicos (RICOUER, 1968).

Pensando em uma expectativa de subjetividade, Ricouer (1968) indica que a relação objetividade/subjetividade é completar, na medida em que aquela é decorrência necessária da existência desta. E nem toda subjetividade seria ‘má’. Pode ser, também, ‘boa’ ao trazer uma reflexão, considerando a relação entre passado, historiador, historiografia e leitor, gerando assim uma subjetividade filosófica.

Ricouer (1968) recorre aos estudos de Marc Bloch para defender que a objetividade é sempre algo por ser construído, devendo contemplar três fases distintas: a observação histórica, a crítica e a análise histórica. Juntos estes três elementos formariam o ‘mister do historiador’. Considerando que a História reflete a subjetividade do historiador, cabe à operacionalização deste “mister” educar a subjetividade do historiador.

Entendo a historiografia sobre a ótica metodológica de Paul Ricouer, é que me proponha a analisar as manifestações culturais e espirituais ocorridas na ACCAMÊ (Associação Cultural Capoeira Mandinga-Ê). A proposta deste artigo consiste em compreender um todo cultural complexo: a vida daqueles que margearam a sociedade brasileira durante muito tempo, os escravos africanos trazidos para cá e seus descendentes; por meio de um termo presente em canções da capoeira, do candomblé, da umbanda, e ouvido em manifestações popular de diversos tipos por todo Brasil, “mandinga”, e a forma como esta se relaciona/exprime por meio da capoeira e da feitiçaria. Mais especificamente como essas concepções são pensadas e retratadas dentro do universo simbólico da ACCAMÊ, enquanto espaço de manifestações culturais e crenças afro-brasileiras, em Maringá - PR, no século XXI.

Considerando que a história e cultura afro-brasileira não podem ser, como um todo, encontradas em sites de busca, na mídia ou em bibliotecas, por fazerem parte de um universo simbólico que por vezes, e na maioria delas, são repassadas

oralmente e num âmbito mais individual, a pesquisa participante se revela como uma forma de resgatar esses vocabulários, narrativas, próprios destes personagens que as praticam, e que se constituem como herdeiras de um saber muito mais antigo do que a internet ou os livros.

A teoria não se separa da prática para essas pessoas. Em virtude disto, as entrevistas realizadas com três membros-fundadores da ACCAMÊ - são eles Mestre Mandinga-Ê, Professor Melodia e Professora Marimar – contribuem para a produção de um saber histórico que não se constituiria de outra forma. Para tanto, encontrei em Verena Alberti e sua obra “Fontes orais: História dentro da história”, o aporte teórico-metodológico necessário para legitimar a narrativa de uma história que ainda não aconteceu para a academia. Concordo com a autora quando essa afirma que

a história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências (2006, p. 11).

Devida à amplitude da problemática, focarei em apenas um caso específico dentro do sortilégio cultural brasileiro, as manifestações culturais e espirituais ocorridas na ACCAMÊ. As palavras trocadas nas entrevistas giram em torno da prática da capoeira e da espiritualidade na Associação e na vida dos entrevistados, e nisso, a discussão do próprio termo “mandinga”.

A análise dessas práticas, o contexto histórico onde suas raízes estão, e sua compreensão serão compreendidas à luz do conceito de “tática”, elaborado por Michel de Certeau (1990) em “A invenção do cotidiano – artes de fazer”. Certeau possui uma produção textual famosa por seus entrecruzamentos de métodos, onde, em um mesmo assunto, o ponto de vista teológico, historiográfico, linguístico, entre outros, podem ser encontrados. Essa capacidade de dialogar com várias áreas do pensamento acadêmico parece garantir a propriedade necessária para falar de temas difíceis e sensíveis de serem explorados, como a formação de uma cultura, ou o papel das grandes instituições no controle das ideias e hábitos da sociedade.

Na referida obra, Certeau (1990) relaciona a forma que as pessoas executam e produzem tarefas simples como caminhar, ler e falar às operações que compõem

uma cultura. Exumando do cidadão comum, o fardo de ser ele apenas um dominado, consumidor de uma produção cultural “enlatada” por forças como a do Estado ou da mídia. Um dos conceitos apresentados no livro que casam muito bem com a história do negro escravo no Brasil, é a terminologia feita por Certeau referente às táticas.

As táticas seriam inerentes a esse indivíduo simples, cotidiano. Se trouxéssemos o termo para o Brasil escravista, poderíamos pensar no negro africano que, afastado de sua terra natal ou nascido no cativo, essa personagem histórica, não contava com direitos nem sobre seu próprio corpo. Comendo da comida que lhe davam, normalmente resto dos outros, exposto à horas extenuantes de trabalho diário, e, talvez o que mais lhe talhasse o prazer da vida, o negro, escravo, não podia se expressar. Sua cultura, seus hábitos, suas crenças além de proibidos, eram vistos com o desprezo de algo que ainda não se desprende de um estágio animista.

A ele só restava a mandinga, ou, como Certeau classifica tática:

“um cálculo que [...] só tem o lugar do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões”. (CERTEAU, 1990, p. 47)

Ao se autocompreenderem como herdeiros da cultura e descendente diretos, de sangue e espírito, dos escravos africanos trazidos para o Brasil, a característica do não-lugar, estar em terras que não são suas, submetido a regras e costumes que não são seus, onde a necessidade de estar atento e de saber jogar com os acontecimentos são constantes, aparecem constantemente no relato dos entrevistados quando perguntados sobre o contexto e objetivo da capoeira quando essa começou a se desenvolver. Para ilustrarmos essa opinião, Mestre Mandinga-Ê quando perguntado sobre as origens da capoeira, de que forma o negro administrava seu tempo na senzala, preso, para o desenvolvimento da luta e da espiritualidade responde que:

Era conversação de duas, três, quatro, cinco, horas às vezes por noite. Que a gente vê muito essa questão do pessoal falar da capoeira, que era dificultoso, que o negro trabalhava tantas horas, como é que ele ia... Não, não é essa questão que prejudicava o negro pra fazer a capoeira, não. Era outro tipo de prisão, era outro tipo de cansaço, esse não, era levado. Cada um cultuava a sua crença, ali mesmo, por isso que era feito uma linguagem muito ampla. Tudo não saía do canavial, saía da senzala. Às vezes, até uma mágoa entre os negros era resolvida dentro da senzala, eles não levavam isso pra casa grande, nem pro terreiro, isso é conversa fiada, isso não existia. Então, quer dizer, a capoeira foi desenvolvida nessa época, com toda essa tramitação de recado, esses gestos, costumes espirituais que havia, porque na verdade havia o lamento, trazia-se uma questão espiritual, a revolta, a ira era uma manifestação. “ (Mestre Mandinga-Ê, 60, 20/06/2013).

O lamento era a tática que o negro tinha em mãos para extravasar o sentimento preso, a ira por diversos motivos, mas principalmente por terem arrancado sua liberdade de expressão cultural. Seus cultos e hábitos já não fazem parte do espaço em que vive a maior parte do tempo, no canavial sua cultura era proibida, mas na senzala, quando devia estar dormindo para outra jornada de trabalho, ele se expressava.

Nos depoimentos dos entrevistados encontramos vasão à observação e ao jogar constante com os acontecimentos, por exemplo quando Professor Melodia explica o cuidado necessário ao escravo no seu cotidiano:

Então, esse ato de observação é estar atento a tudo que está acontecendo, a gente traz muito disso porque ao mesmo tempo que você tem que tá cortando aqui, você tem que tá olhando se tá todo mundo bem, entendeu? Porque a partir desse momento vai haver uma solidariedade entre você e o outro, o outro escravo, vai acabar existindo uma amizade, identificação. Você tem que tá atento pra quem tá te olhando, pra quem tá tomando conta de você, se você parar um segundo ali, além do que você deveria, você vai tomar uma chicotada, então você tem que tá prestando atenção (Professor Melodia, 20, 24/06/13).

Nas conversações de cativo a que Mestre Mandinga-Ê se refere no excerto anteriormente apresentado, o negro representava suas dores e saudades, a forma como caçava, quando livre, ou uma dança tradicional de seu povo. E foi essa a observação que teria proporcionado ao negro a capacidade de analisar os movimentos apresentados na senzala e desenvolver os golpes e gingados presentes na capoeira, como afirma Professor Melodia:

10.4025/6cih.pphuem.265

[...] o negro chorava, o cara que era caçador chorava, o que era feiticeiro chorava, o cara que sentiu o maior da sua tristeza no navio negreiro chorava, todos os lamentos ali, era lamentos, mesmo. Era de sangrar água dos olhos, tá ligado? Era jorrar água, lágrima. Então, dentro disso, desse ponto de tristeza, quando você acabava com tudo isso, tirava tudo isso, pronto, agora você sente a raiva, a única coisa que vai te sobrar é a ira, aí você mostra, desde o movimento que você trazia lá dum cantinho da África, num golpe com a perna, por exemplo, e soltava esse golpe com raiva, com raiva, até esgotar a ira. Pra mostrar pra pessoa o seu jeito de se defender, a sua defesa, que a gente, o negro não veio como um ataque, como defesa. Então, um movimento de mão, por exemplo, às vezes ou coice e etc, ou simplesmente o ato de fazer um feitiço, ali na roda você vai, traz o feitiço consigo e manda pra casa grande, entendeu? Essa é a ira, a partir desse movimento de ira, desse gesto de ira, desse movimento de dança presente no lamento, quando se trançava entre uma e outra pessoa, eu observava o seu jeito, e você observava o meu, nisso você aprendia um ponto chave meu, um golpe ou uma expressão, e eu aprendia uma sua, ia se misturando cada elemento disso, e assim, acreditamos nós, e temos muito argumento para acreditar nisso, nasce a capoeira, dessa mistura. (Professor Melodia, 20, 24/06/13).

O nascimento da capoeira, uma técnica que é também uma arte, desenvolvida da observação e da necessidade de constantemente estar preparado, ganha respaldo em “A invenção do cotidiano – artes de fazer” na observação de Certeau sobre a ideia kantiana que relaciona a técnica à teoria. Exemplifica essa fusão (saber-fazer), com o trabalho do artista da corda-bamba que

de momento em momento *mantém um equilíbrio*, recriando-o a cada passo graças a novas intervenções. Conserva uma relação nunca de todo adquirida e que por uma incessante “invenção” se renova com a aparência de “conservá-la”. A arte de fazer fica assim admiravelmente definida, ainda mais que efetivamente o próprio praticante faz parte do equilíbrio que ele modifica sem comprometer-lo. Por essa capacidade de fazer um conjunto novo a partir de um acordo preexistente e de manter uma relação formal malgrado a variação dos elementos, tem muita afinidade com a produção artística (CERTEAU, 1990, p. 146).

Comparando-a em seguida ao trabalho do artesão, do marceneiro, do ourives e do ferreiro, que lidam simultaneamente com a teoria e a prática do seu ofício, a crítica de Certeau é dirigida, então, a uma evolução tecnológica que suprime do indivíduo a relação saber-fazer que ele tem com seu trabalho, com todo seu cotidiano. Dissocia-se, dessa forma, o saber primitivo, na medida em que foi progressivamente dissociado das técnicas e das linguagens que o objetivavam, torna-se uma inteligência do sujeito, mal definida senão por neutros (ter faro, tato, gosto, juízo, instinto, etc.), que oscilam entre os regimes do estético, do cognitivo ou

do reflexivo, como se o saber-fazer se reduzisse a um princípio inapreensível do saber (CERTEAU, 1990).

Itens de conforto ou conveniências político-sociais são assimilados pela nossa consciência como elementos da natureza. Do fogão ao sistema tributário, cada vez mais, o indivíduo depende de tecnologias para que sua vida possa “funcionar”. Enquanto Certeau entende que o indivíduo é cada vez mais coagido e preso por enquadramentos advindos de uma tecnocracia que sufoca sua capacidade de se expressar livremente, e por isso só lhe resta a astúcia de golpear esse sistema que o oprime, para isso o trabalho na corda-bamba seria necessário sobre tal acordo existente (a cultura imposta, convenções sociais, por exemplo), jogando com as adversidades. (CERTEAU, 1990).

O negro, dessa maneira, também não atuou como uma personagem passiva nos mais de quatro séculos de escravidão. Os golpes e a prisão, além de cultural, eram físicos. Do gesto de observar, nas conversações de três, quatro, cinco horas na senzala (preferidas ao pouco tempo que restava para descanso) desenvolveu-se a tática para sobreviver àquele ambiente hostil e opressor, a capoeira e a feitiçaria - mandinga. Duas armas que se caracterizam pela velocidade. A capoeira, mandingada, é uma defesa e é um ataque, uma resposta para o golpe do facão, para a necessidade de fugir, a patada do cavalo, a mordida do cachorro, como Professor Melodia atesta. O feitiço também era veloz no seu efeito, como a “lenda” dos negros que eram açoitados, mas a sua dor era sentida na casa-grande, numa “sinhazinha” que adoecia, no gado que morria sem motivo aparente, na colheita que se estragava sem uma boa explicação. A necessidade de ser rápido na sua conclusão, tornam a capoeira e a feitiçaria afro-brasileira exemplos perfeitos de táticas, operando “golpe por golpe, lance por lance”.

Mas mandinga não se condiciona apenas na capoeira ou na feitiçaria, está profundamente enraizada nessas duas, mas vai além. É a capacidade intuitiva de prever, ter a resposta certa pra pergunta errada. Entendendo a “tática” de Certeau (1994) como a capacidade de lutar com as redes invisíveis que nos prendem. As táticas, assim como a mandinga, são encontradas em gestos simples como a forma que se olha pra um policial, seu comportamento dentro de uma sala de aula até a forma com que você se relaciona em determinado círculo ou degusta de um vinho.

Até agora, relacionamos a forma com que o escravo negro desenvolveu sua cultura de maneira a resistir contra a prisão, a material e a não-material, imposta pela sociedade naquela época. Mas, como destacado anteriormente, para Certeau (1994) a sociedade ainda se encontra aprisionada por diversas tecnologias que ela própria criou, determinadas regras sociais, veículos de mídia que divulgam as ideias que uma grande empresa precisa para vender sua marca. As respostas estão prontas, o que você irá consumir, os lugares que irá visitar, as roupas que irá vestir, etc. No seio disso tudo, uma sociedade formada por indivíduos que não *sabem* o que *fazer*, lotam a cadeira dos consultórios médico-psiquiátricos e os divãs em sessões com psicólogos:

Tudo funciona aí a partir de um postulado que seus efeitos fizeram considerar realidade: há saber, mas inconsciente; reciprocamente, é o inconsciente que sabe. Os relatos de clientes e as “histórias de doentes” freudianos ocupam páginas e páginas para conta-lo. Aliás, depois de Freud, todos os psicanalistas o aprenderam por experiência própria: “as pessoas já sabem tudo”, aquilo que, na sua posição de “suposto saber”, pode ou poderia permitir-lhes articular. Tudo se passa como se “as oficinas” de que falava Diderot se houvessem tornado a metáfora do lugar recalçado e reprimido no fundo do qual os conhecimentos “experimentais e manuais” precedem hoje o discurso proferido sobre eles pela teoria ou pela “academia” psicanalítica. De seus clientes – e de todos os outros – o analista diz muitas vezes: “Em algum lugar eles o sabem”. “Em algum lugar”, mas onde? São as suas práticas que o sabem – gestos, comportamentos, maneiras de falar ou caminhar, etc. Temos aí um saber, mas de quem? É um saber tão rigoroso e preciso que todos os valores de cientificidade parecem ter se transportado com armas e bagagens para o lado desse inconsciente, de sorte que só restam à consciência fragmentos e efeitos desse saber, astúcias e táticas análogas aquelas que antigamente caracterizavam arte. (CERTEAU, 1990, p. 144).

Ao buscar hábitos primitivos, os membros da ACCAMÊ procuram justamente higienizar seu próprio inconsciente desses saberes que são adquiridos sem que a mente os processe. A prática de atividades esquecidas pelo homem moderno, como se concentrar antes de qualquer atividade, produzir de maneira artesanal um instrumento ou um móvel, caminhar pela mata identificando ervas e animais, considerando a teoria de Certeau, propiciaria o condicionamento das táticas necessárias para vivermos com mais consciência.

Ao perguntar à Professora Marimar o porquê de a capoeira praticada na ACCAMÊ ser considerada uma capoeira de mandinga, ela confirma que é porque

aquela é uma capoeira que dá pra pessoa a capacidade de lidar com os problemas da vida de um jeito mais malandro e salienta:

[...] você tem sua família, você tem a faculdade, você tem várias coisas que você não se desprende disso. Dentro disso você vai mandingar, é assim que a capoeira lidava, né, dentro da corrente ela mandingava, assim como nós. Nós temos nossas correntes, que dificilmente a gente vai conseguir se desprender delas, né, mas dentro disso a gente vai mandingar. E saber lidar com isso, saber lidar com o social através da nossa expressão, através da nossa forma ali de manipular a corrente, de se desprender dela, se envolver com ela, é isso que a capoeira trás, independente do estilo, dos quatro estilos que a gente pratica, cada uma delas trás isso. Traz a forma de lidar no dia-a-dia com essa mandinga, com essa expressão e com essa espiritualidade, né? (Professora Marimar, 20, 24/06/2013).

Esses efeitos são instantâneos, e quando pergunto à Mestre Mandinga-Ê o motivo da capoeira, apesar de não vivermos mais tempos de corrente e chicote, a resposta é a de que ela é boa para os membros da ACCAMÊ. A resposta corrobora uma outra fala do Mestre que diz que *“feitiço, um poder que tu tem, lograr aquilo que se opõe a você [...] seria a mandinga no mundo que sai da capoeira pro seu cotidiano [...]”*, acompanhe:

Porque nós vivemos um corrediço muito intenso, se a capoeira não servir pra um relaxamento físico teu, mental e espiritual. Pra que você vá pra faculdade pra estudar, te ajude no eixo da família, no seu trabalho, eduque seu espírito, porque a capoeira faz isso se você levar a sério, aquelas duas três horas que você passa dentro de um terreiro de capoeira de uma forma indireta ou direta, você acaba meditando junto com muitos e adquirindo energia, a alegria de muitos, será que isso aí não vai ajudar você no seu cotidiano? Você está bem, às vezes cê chega, eu falo com experiência de mestre e que um dia foi discípulo. Quanto, não foi uma, nem cem, e talvez nem mil vezes que eu vi, alunos ou discípulos chegar contrariado, magoado, nervoso dentro duma roda de capoeira, e, em questão de trinta minutos, sair sorrindo, alegre, quantos eu vi. Meu mestre tinha uma lei, quando íamos coquivocar, pra começar, a vadiagem, o manuseio do corpo com a mente, no coquivocar ele percebia que o olhar daquele discípulo não era o mesmo, daquele outro não era o mesmo, ele era um olhar de rancor, de tristeza. Ele falava “preciso que tu sente no banco ali, e espere um pouco, deixa teu espírito te chamar, nós vamos convidar”, e ele começava num ritual de palma e tirava um cântico ou soava o berimbau, zuava o berimbau bem zoadinho. E os capoeirista antes de começar o jogo, fazia os movimentos de gingo com os olhos fechados, concentrados e chamava novamente aquele discípulo pra se acoquivocar na roda, pra poder saber se realmente estava convidado, se não ele ia sentar naquele banco e assistir toda a doutrina da capoeira naquele dia. Mas eu, tanto quanto mestre, como discípulo, não me lembro de um que tenha permanecido todo

o tempo no banco, que não tenha sido recebido com o espírito, nem que não tenha atendido nosso chamado (Mestre Mandinga-Ê, 60, 20/06/2013).

Mandinga é tratada como uma arma sua contra os desafios do cotidiano, problemas de variadas formas que, como vimos na página anterior, sem o saber-fazer levam o indivíduo a distúrbios psicológicos. Mandinga é a manipulação desse inconsciente, treinando para que, semelhante antes, no caso dos negros que passavam horas observando as expressões um do outro, ao surgir uma situação de necessidade, ele reaja com os melhores movimentos que você observou.

A observação, a concentração e a conversação como forma de convívio em grupo são bases para esse controle do inconsciente, a reação espontânea condicionada pela mandinga. Explicada por Mestre Mandinga-Ê a seus discípulos por diversas vezes, e aparece de forma análoga em “A invenção do cotidiano – artes de fazer”, quando Certeau se refere à relação da capacidade que o saber-memória, o saber-fazer condicionado na mente de um indivíduo (de menor força frente a determinada situação) propicia, num curto período de tempo, um golpe de maior efeito, esquematizado no entendimento de que “quanto *menos* força, *mais* se precisa de saber-memória; quanto *mais* há saber-memória, *menos* se precisa de tempo; quanto *menos* tempo há, *mais* se aumentam os efeitos” (CERTEAU, 1990, p. 158).

Mandinga, dentro das manifestações culturais e espirituais que acontecem na ACCAMÊ, poderia ser considerada como o poder natural que todos têm de mudar as adversidades da vida, driblá-las, dobrá-las, amarrá-las, etc. Assim como as “táticas” para Michel de Certeau (1994), um sujeito com mandinga tem consciência de suas ações, daquilo que produz e daquilo que consome. Ele conhece a vida porque suas mãos tocaram, seus olhos viram, sua boca provou, e dessa experiência, em menos tempo ele consegue tirar mais.

A opção por trabalhar a temática aqui apresentada decorre da semelhança encontrada entre o que Certeau (1994) definia por “tática” e aquilo que até então eu havia entendido por Mandinga. As referências à história do Brasil, e da escravidão, presentes neste artigo, e suas possíveis falhas, não tem o intuito de ilustrar as páginas de livros didáticos, nem de renovar o senso-comum no que se diz acontecido no passado. Ilustra, todavia, a história do Brasil concebida por cada

membro da ACCAMÊ, as raízes afro-brasileiras buscadas por esses, baseada no conhecimento de um homem simples, que praticou, viu ou ouviu de alguém que lhe era de inteira confiança cada história, trecho ou ideia aqui apresentada.

Se a intenção de Michel de Certeau foi a de buscar a compreensão sobre como as culturas nascem em sua forma mais primitiva, na “astúcia multimilenar dos peixes disfarçados e dos insetos camuflados” (1990, p. 38) como ele diria, minha proposta foi apresentar uma fração de uma cultura afro-brasileira riquíssima, colocando em teoria uma prática cultural e o nascimento de uma técnica, que, como indicaria o autor, é também uma arte.

Referências.

Fontes Orais:

Mestre Mandinga-Ê, 60 anos, Mestre de capoeira. Entrevista realizada em 20/06/2013.

Professor Melodia, 20 anos, Professor de capoeira. Entrevista realizada em 24/06/2013.

Professora Marimar, 20, Professora de capoeira. Entrevista realizada em 24/06/2013.

Bibliografia:

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

RICOUER, Paul. História e verdade. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). Fontes históricas. 1ed. São Paulo: Contexto, 2005, v. 1, p. 155-202.